

**O SILENCIAR DE EROS E PSIQUE
EM MAGO E MADALENA, DE MIGUEL TORGA**

Regina Michelli (UERJ)

Ninguém é feliz sozinho, nem mesmo na eternidade.

MIGUEL TORGA. *Bichos*. p. 9.

Miguel Torga é animado por uma força vital responsável por seu perpétuo descontentamento com o *status quo*. Há uma energia que o impele além, que o leva a continuamente refletir, questionar-se. Não se encerra, entretanto, em uma torre de marfim, voltado para a própria realidade. Muito outra é a verdade de Torga! *Peno cilícios da comunidade*, informa no poema *Fraternidade*⁶⁵. Se há uma consciência voltada para a sua própria alma, também há um sentimento de fraternidade para com as pessoas que habitam o seu universo português. O seu humanismo é, portanto, dúplice: dobra-se sobre si mesmo, abarcando também o outro, quer seja o indivíduo, a natureza ou o espaço social. Sobre eles, Torga derrama compreensão e amor.

Sua alma é território de Psique, cujo significado etimológico é sopro ou princípio vital, personificação da alma, do mundo interior. Nela também há espaço para Eros, o deus do amor. Eros impulsiona a vida humana ao contato, ao confronto com o outro, o que pode gerar tensões. Nele identificamos o que Jung chamou de *animus*, a face masculina da mulher. Em Psique, a face feminina do homem, a *anima*.

Eros é a grande força unificadora que preserva o viver, batizando com seu nome as pulsões de vida. O poder irradiador de Eros é tão violento que ele contamina (erotiza) todas as funções vitais com sua força unificadora e gratificadora⁶⁶. Marcuse adverte que a natureza de Eros não se restringe à esfera corporal, uma vez que o impulso direcionado ao prazer do corpo pode ampliar-se *para buscar seu objetivo em duradouras relações libidinais* e eróticas que intensificam a gratificação do instinto⁶⁷. Suas setas se dirigem ao coração, sede do amor puro, e não aos órgãos sexuais.

⁶⁵ TORGA, Miguel. *Cântico do Homem*. Coimbra : Ed. do Autor, 1974, p. 22.

⁶⁶ KEHL, M. R. *A psicanálise e o domínio das paixões*. In: CARDOSO, Sérgio et alii. *Os sentidos da paixão*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987, p. 473.

⁶⁷ MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro : Zahar, 1981, p. 183.

Podemos analisar Eros sob vários pontos de vista: como o homem exterior, o marido ou o homem em qualquer relacionamento, como o homem interior, ou seja o **animus** da mulher, a sua masculinidade interior. Ou também podemos vê-lo como o princípio da união e harmonia, que é o clímax de nossa história.⁶⁸

Psique é a força anímica do ser, a expressão do mundo interior. Nascida de uma gota de orvalho que caiu do céu sobre a terra, simboliza a progressão da primeva feminilidade oceânica de Afrodite (nascida das águas do mar fertilizadas pelos genitais de Urano) para uma nova forma, mais humana⁶⁹. Psique é o feminino na mulher ou a *anima* no homem.

Juntos, Eros e Psique permitem as bodas internas, a harmonia dos opostos que, integrados, projetam o ser humano numa vivência amadurecida, consciente, plena. Mas nem sempre isso se consubstancializa e Torga também reflete sobre a dor, os desencontros que caracterizam o viver.

O conto Mago (**Bichos**⁷⁰) narra a história de um gato que se acomoda aos favores de um viver fácil no colo de D. Maria da Glória Sância. A história se inicia com a busca de uma vitalidade perdida:

Mago respirou fundo. Abriu o nariz e encheu o peito de ar ou de luar (...) em todo o corpo lhe correu logo um frêmito de vida nova (...) enchia os pulmões de oxigênio e de liberdade. (p.27-28)

É Psique que Mago busca, seu sopro de vida. Tenta reerguer-se, recuperar a dignidade ao colocar-se de pé: *firmado nas quatro patas, arqueou o lombo, e deixou-se ficar assim alguns instantes, só músculos, tendões, nervos, com os ossos a ranger de cabo a rabo* (p.27); mas o corpo já não lhe obedece mais, *mole, sem ação, bambo e morno* (p.27). Tem consciência da deteriorização a que seu ânimo está sujeito naquele ambiente, pois *o mormaço da sala dava cabo dele* (p.27). Trava-se uma luta interna:

A que baixeiras a gente pode chegar! Ah, mas tinha de acabar semelhante vergonha! Não pensasse lá agora a senhora D. Maria da Glória Sância que estava disposto a deixar-se perder para sempre no seu regaço

⁶⁸ JOHNSON, Robert A. *She: a chave do entendimento da psicologia feminina*. São Paulo, Mercuryo, 1994, p. 30.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 23.

⁷⁰ TORGA, Miguel. *Bichos*. Coimbra : Ed. do Autor, 1995.

macio de solteirona. Não faltava mais nada! (p.27-28)

Falta-lhe a quentura de Eros, a sua energia. Sua dona vence, não fosse seu nome Maria da Glória, solteiros ambos, infecundos. Mago usa coleira no pescoço, um fio de ouro, símbolo da perda de liberdade, do aburguesamento, da feminilidade. Os mimos de D. Sância não lhe deformaram apenas o gosto, mas a própria alma, aprisionada na materialidade do pão, nos afagos, no conforto. Mago, *gordo e lustroso* (p.34), não vive *a andar pelado e a cair de fome* (p.33), perdendo as características próprias da natureza dos felinos. Tem a consciência de que *lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar*, pois traz a *alma vestida* (como o diria Fernando Pessoa ⁷¹), mas não consegue mais romper com este círculo que o aprisiona no comodismo de uma vida fácil, cuja metáfora é o *pãozinho da boca* (p.29), diminutivo apequenando aquele que dele depende exclusivamente. Deixa-se perder para sempre. A derrota que lhe impõe Zimbro – o gato com quem vive agora Faísca, sua antiga namorada, - e o retorno *à paz podre dum conforto castrador...* (p.37) que lhe oferece D. Sância acentuam a sua decrepitude física e moral.

Mago perde a vitalidade, o "pulo do gato" na vida quando se aninha nos braços balofos de sua dona, feminilizando-se. Ao optar pelo conformismo, perde sua psique, deserotiza-se. Não é mais capaz de estabelecer uma vida de relação com os seus semelhantes felinos. O encontro com o outro, enquanto possível objeto de amor, fora sempre uma prova de vaidade, uma conquista realizada e não um encontro fecundo e transformador, como comprovam as relações afetivas que estabeleceu antes de cair por acaso no quintal da D. Sância (p.32). Parece não ter havido amor entre ele e suas gatas, como também não é este o sentimento que o liga à dona que lhe dá amor e alimentação, haja vista os termos depreciativos com que se refere a ela, inclusive culpando-a inicialmente por sua inércia e degradação, Tudo obra do coirão da velha...(p.35). Estabelece relações pragmáticas que não promovem o amadurecimento pessoal. Vende a sua "alma" ao marasmo do já visto, do já vivido, mas com a consciência de todo o processo de aviltamento: De resto, que esforço concreto fizera para se libertar? Nenhum. (p.37). O amanhecer lança as luzes sobre a sua real situação, fim da noite de "sonho" e ousadia.

Mago nasceu, como todos os seres humanos - afinal, os bichos de Torga têm alma lá dentro! -, com a possibilidade de crescimento pessoal. É um gato, o que já implica em uma certa agilidade no viver, não é à

⁷¹ PESSOA, Fernando (Alberto Caeiro). *Obra poética*. Rio de Janeiro : Aguilar, 1976, p. 226.

toa que possui sete vidas. Pode arriscar algumas, sem a ameaça de morte iminente. Era Mago, mas perdeu a magia do viver ao abdicar da maravilha, da aventura. Negra sorte!

Madalena é também um “bicho” humanizado entre **Bichos**. Atingida pelas *falinhas doces do Armindo* (p.43), *dera o tropeção* (p.40). Deixa-se seduzir num *minuto de fraqueza* (p.43), mas a paixão abrasadora não vai conduzir a um sentimento mais forte e duradouro. Não foi um ato bem feito, bem realizado, foi uma *desfeita* (p.40). Eros não vai frutificar, pois ainda que se associe à sensualidade, à força dos sentidos, é responsável por atingir o coração; é o deus do amor, conduzindo ao relacionamento. Madalena, sozinha, sufoca a doçura de uma feminilidade bem integrada e desenvolve seu *animus*. Assume sua força, sua coragem e ânimo nas pernas (p.41), acentuando o poder masculino, afinal *Sempre fora senhora do seu nariz* (p.40). Firma-se na dor, ocultando-a de todos, de Armindo, de Roalde (aldeia em que mora). Torna-se *o saibro duro do chão* (p.39), o granito de uma Serra Negra, caminho árduo de ser trilhado na solidão da dor. Mesmo o sol, que poderia associar-se à luminosidade benfazeja, facilitadora da tomada de consciência, é abrasador e ulcerar como aquela paixão.

A relação entre Madalena e Armindo, restrita à esfera meramente sexual não desabrocha: *Servir-lhe apenas de estrumeira, consentir que se utilizasse dela como de uma reca, não. É verdade que a desfrutara por inteiro naquela maldita tarde... Paciência. O que é, comera por uma vez.* (p.41). O corpo de Madalena é fecundado, mas não sua alma. O filho não é o bendito fruto do seu ventre, também ela não é Maria. O *maldito do filho dentro da barriga* (p.43) é *a nódoa maior que pode sujar uma mulher* (p.40), é um *corpo estranho* (p.45), o *inimigo* (p.45). Age com o filho reproduzindo o comportamento masculino interiorizado: assim como Armindo não assumira o relacionamento, também ela *Preferia morrer a ficar nas bocas do mundo. Com o correr do tempo, vira-se e desejara-se para manter o disfarce* (p.41). Morre o relacionamento dos dois, tal como o filho. Ou será mais correto dizer que, assim como estoicamente matara o sentimento por Armindo em seu coração, também *Fechou-se em casa* (p.41), *Tratou de enfaixar o ventre* (p.44), *fechara-se num egoísmo desumano* (p.46), quase que impedindo a saída daquele ser que durante toda a sua caminhada dera sinais de vida, *a exigir as portas abertas de par em par* (p.45): *era preciso reagir contra a própria*

natureza e andar para diante, custasse o que custasse (p.39) - principalmente a vida do filho? A escritura simbolicamente registra a morte dele: *O sol já não estava a pino. Ia caindo, agonizante, para os lados do Marão. A última dor morreria* (p.46). Ao fim do trabalho de parto, *estava caído e morto o filho. Carne sem vida, vermelha e suja*, (p.46). Não é o filho que lhe importa, mas “ter” o filho e, quando percebe que ele está morto, deixa-se *ficar prostrada, a saborear o alívio* (p.47). A morte do filho significou a sua vitória diante da mácula da defloração e de sua possível publicidade através do fruto gerado; permitiu a manutenção de seu segredo, só compartilhado com Deus. Não é por acaso que ela se limpa com *fetos verdes*, já que o bebê, ao morrer, limpa sua honra. Quanto mais atinge o alto da montanha, tanto mais se aproxima da purificação que deseja encontrar, distanciando-se da condenação social. Toda a sua sujeira como a do pano sujo são enterradas com o filho, carne sem vida, vermelha e suja, numa poça de sangue...

Madalena deixa-se crucificar não pelas lancinantes dores do parto, mas pela estreita mentalidade de uma cultura machista, cujas leis são por ela interiorizadas. A força que age dentro do ser, impedindo a experiência amorosa, é proporcional à miséria e à estaticidade dessa existência. A relação sexual não é um ato de entrega amorosa, é um momento em que sucumbe ao apelo do instinto, *minuto de fraqueza, ou de piedade concedida a tamanho desespero* (p.43). Por isso, não ascende à condição de Mulher pela “perda” da virgindade, pois considera que *perdera o melhor* (p.43). A violação é comparada à violência do parto. Primeiro Madalena vivencia o prazer, rolando *na palha aos berros* (p.43) com o Armindo; depois amarga a solidão da gravidez: *À noite, na cama, é que em vez de passar contas passava lágrimas...*(p.44). As dores, de início, são *quase gostosas* (p.40), *depois piores que facadas* (p.45), *Agora só atirar-se ao chão e, como no dia de S. Martinho, rolar sobre a terra em brasa, negra (...) sem o desavergonhado do Armindo a cantar-lhe loas ao ouvido...*(p.45), sem que também ninguém lhe escute os *gritos desesperados*. A diferença é que anteriormente concedera-se um *minuto de fraqueza, ou de piedade*, provavelmente a Armindo, não se permitindo depois nem um, nem outro - nem ao filho. Madalena, *bicho crucificado* (p.46) pela estreita ideologia social, *ao cabo de uma eternidade cega e raivosa* (p.46) durante a tortura do parto, enxerga com *olhos turvos* (p.46) o filho morto, e é exatamente quando *O sol, cada vez mais*

baixo, lançava os últimos avisos da sua luz que os olhos de Madalena viram claro (p.47), pois recuperam a cegueira social, momento de retornar à aldeia, de matar a sede.

Madalena não desabrocha para uma vida erótica (caracterizada pela presença de Eros), não ganha o dom do encontro com o outro, fecundante na maternidade. Tenta a qualquer preço manter-se pura daí em diante (p.41). É Vênus-Afrodite quem se esconde por trás do comportamento de Madalena:

Toda mulher tem dentro de si uma Afrodite, reconhecida pela sua irresistível feminilidade, pela sua intensa, impessoal, inatingível majestade. Suas principais características são a vaidade, a luxúria, a fertilidade e a tirania, quando contrariada.⁷²

É bem embaraçoso para uma mulher moderna, razoavelmente inteligente, descobrir sua natureza-Afrodite, com seus truques e instintos primitivos. Essa deusa freqüentemente mostra seu lado tirânico e crê que sua palavra é lei. (...) Ela está além de qualquer moralidade, pois existia antes do tempo da moralidade. Usará, portanto, todos os meios de que dispõe para subjugar a oponente.⁷³

Ou para realizar aquilo que deseja, poder-se-ia acrescentar. Madalena é determinada. Não se arrepende do que houve, ainda que tenha consciência de ter pagado um preço muito alto: *Caras lhe estavam as quatro castanhas assadas que aceitara na cardenha da Tapada. (...) Mas pronto. Estava feito, estava feito. Levantou-se, sacudiu a saia, e não tugi nem mugiu.* (p.43). Mas não permite que Armindo repita a façanha. Afrodite é mãe de Eros, aquela que simbolicamente pode gerar o amor, que não floresce em Madalena. Também não é isto que procura, *Lá com palavrinhas de amor, não! Batesse a outra porta* (p.43). Deseja, sim, o reconhecimento social daquele relacionamento, *os banhos na igreja e o casamento em Janeiro. Sem lhe dizer, é claro, que ficara naquele estado...*(p.44). Madalena é orgulhosa e mantém-se firme nos seus propósitos. Embora seja *uma pobre mulher*, carece de uma certa fragilidade feminina, desumanizando-se completamente com aquele que nenhuma culpa tivera de sua situação: o filho.

Não há a menor menção no texto a uma palavra afetuosa para com um ser que mexe dentro de si, que não a sensibiliza emocionalmente. Falta a Madalena a água, cuja significação simbólica associa-

⁷² JOHNSON, Robert. A. *Op. cit.* p. 18.

⁷³ *Ibidem*, p. 20.

se a três imagens principais: fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência. A água, tal como Psique, representa o sopro vital, símbolo universal de fertilidade e fecundidade⁷⁴, elemento feminino. Ela a possui no seu ventre, no suor de seu corpo, mas dela carece física e espiritualmente. Ela se transforma na fonte de água que buscava, embora tenha se negado como fonte de vida. O sol escurece, o segredo é sepultado, Madalena retorna pura pela água que se lhe esvai corpo abaixo. Não cresceu, porém, em sensibilidade e amor, só vai matar a sede física. Psique na penumbra ao lado de Eros. Quando renunciamos a amar e não permitimos o encontro com o outro, sugere Roland Barthes, na realidade renunciamos ao nosso imaginário⁷⁵. Madalena mata Armindo, mata o filho, mata-se a si mesma. Sobrevive apenas para o social. A serra é Negra.

Mago e Madalena exemplificam a dificuldade de integração Eros-Psique. Mago é um maricas, Madalena, viril. O primeiro recebe um carinho castrador, que o aprisiona em redes domésticas. A segunda sofre um abandono que é também castrador, esterilizando-lhe a alma. Mago deixa-se vencer pela força do corpo, *A princípio ainda tentou reagir; mas, por fim, o corpo, o miserável corpo, acostumou-se ao ripanço* (p. 32). Madalena vence o corpo: *olhava o vale ao fundo, já muito longe, onde o corpo lhe pedira para ficar, à sombra de um castanheiro. O corpo. Porque a vontade fizera-a atravessar ligeira a frescura tentadora da Veiga e meter-se animosa encosta acima* (p.39). Nos dois a natureza é violentada: *os mimos da D. Sância lhe haviam deformado o gosto...*(p.28), cedendo à vergonha e à baixa de se submeter aos imperativos de sua dona; Madalena reage *contra a própria natureza* que necessita da procriação para se manter: resiste ao assédio de Armindo, esconde a gravidez, enfrenta as dificuldades da serra e do parto. Ele traz a alma vestida. Ela é a *nudez agreste da Serra Negra* (p.39). Os dois culpam indiretamente os outros por sua desdita. Ambos, depois de vencidas as dificuldades, vêem claro, embora ratificando o próprio caminho percorrido. Enfrentam o sangue da própria vida, ele pelo confronto com Zimbó, ela pelo embate com o filho. A lua fria acompanha o percurso de Mago. O sol quente persegue Madalena. Os dois retornam a suas ca-

⁷⁴ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1988, p. 15.

⁷⁵ BARTHES, Roland. *Fragmentos do discurso amoroso*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1981, p. 86.

sas, caminho de regressão ao já vivido.

A energia de Psique se perde sem a luz do encontro com Eros.